

CINEMA

# MARGINAL

BRASILEIRO



Sérgio Bernardes Filho

**DESESPERATO**

RIO: PLANO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO DO MUNICÍPIO  
VENHA, DOCE MORTE





## DESESPERATO



## RIO: PLANO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO DO MUNICÍPIO



## VENHA, DOCE MORTE

Memória e invenção. Poesia e experimentação. Revolução e escraço. O cinema brasileiro dos anos 1960 e 1970 viveu uma época efervescente. O Cinema Marginal radicalizou a linguagem cinematográfica aprofundando as experiências do Cinema Novo, que começava a buscar maior contato com o público pela via de um abrandamento nas experiências estéticas.

O rótulo de Cinema Marginal é visto com desconfiança – e às vezes até com desprezo – pela maioria dos realizadores desses filmes. O conjunto dessa produção poderia também receber o nome de Cinema Experimental, Cinema Poesia, Cinema Underground, Udigrúdi ou Cinema de Invenção, nomes que soam bem melhor aos ouvidos desses cineastas, que em sua maioria continuaram a realizar filmes admiráveis, mesmo após os tempos sombrios da ditadura. No entanto, o assim chamado Cinema Marginal é inegavelmente um marco histórico do cinema nacional e merece ser recuperado e revisitado, levando em conta as críticas que se fazem a essa definição.

Em 2001, foi realizada a primeira edição da Mostra Cinema Marginal, idealizada e produzida pela Heco Produções com o patrocínio do CCBB de São Paulo. A retrospectiva obteve grande sucesso de público e mídia. O mesmo aconteceu nas duas edições seguintes, no Rio de Janeiro, em 2002, e em Brasília, em 2004. Um livro-catálogo de 160 páginas foi editado e teve como fonte fundamental de pesquisa o livro *Cinema de invenção*, de Jairo Ferreira.

Com este projeto desafiador – o lançamento em DVD de uma série de filmes ligados ao Cinema Marginal –, a Lume Filmes e a Heco Produções dão início a um selo de cinema brasileiro para home vídeo. Com o inestimável apoio da Cinemateca Brasileira, a parceria entre a Heco e a Lume reúne as qualidades fundamentais para a criação deste selo, uma vez que a Lume destaca-se como produtora independente, organizadora de festivais, exibidora e distribuidora de um rico catálogo de lançamentos internacionais, e a Heco se notabiliza pela realização de mostras de filmes, edição de livros e catálogos sobre o cinema brasileiro.

A Lume e a Heco vêm suprir o mercado de filmes de arte em home vídeo com parte do que há de melhor em nosso cinema, filmes de guerrilha, alguns feitos há mais de trinta anos, agora à disposição do público, despertando assim o interesse sobre essa produção – iniciativa importante, sobretudo num contexto como o de hoje, em que o chamado cinema de autor está em extinção.

Eugênio Puppó e  
Frederico Machado

## PANORAMA DO CINEMA MARGINAL

Arthur Autran

O Cinema Marginal caracteriza-se por um conjunto heterogêneo de filmes realizados entre o final dos anos 1960 até meados da década seguinte, por diretores em geral bastante jovens que romperam, no campo artístico, com o Cinema Novo. A ruptura era provocada, sobretudo, pela percepção de que os cinemanovistas haviam posto de lado o seu compromisso com a pesquisa estética na tentativa de alcançar maior aceitação por parte do público, por meio de filmes mais facilmente compreensíveis. Os realizadores ligados ao Cinema Marginal pretendiam continuar aprofundando as experiências estéticas. Ademais, o confronto em relação ao Cinema Novo também pode ser identificado pelas produções bem mais modestas em termos econômicos, pela falta de contatos com a política cinematográfica do Estado, pela adesão à contracultura etc.

O filme que marcou o surgimento do Cinema Marginal foi *A margem* (1967), de Ozualdo Candeias. Com uma produção de pouquíssimos recursos financeiros, mas grande inventividade em termos estéticos, o filme apontava para essas duas características centrais do movimento. Candeias, mais velho do que os outros diretores do Cinema Marginal, foi uma espécie de figura exemplar para os jovens, assim como José Mojica Marins, o genial inventor do personagem Zé do Caixão e diretor de *O estranho mundo de Zé do Caixão* (1967) e *Ritual dos sádicos* (1969).

No entanto foi com *O Bandido da Luz Vermelha* (1968), de Rogério Sganzerla, que o Cinema Marginal tomou corpo. Nesse filme deflagrador, várias questões são repostas de forma inquietante: o diálogo com a vanguarda do cinema mundial (sobretudo Jean-Luc Godard e Orson Welles), as referências à indústria cultural (cinema, rádio, música e HQs) retrabalhadas sem má consciência, a posição irônica em relação ao nacionalismo cultural do Cinema Novo (especialmente aos filmes de Glauber Rocha), o humor escrachado e a desesperança para



Sérgio Bernardes Filho, Marisa Urban, Raul Cortez e equipe durante as filmagens de *Desesperato*

com qualquer forma de organização política (note-se que o Brasil passava por um momento de grande confrontação político-ideológica com o recrudescimento da ditadura militar e o surgimento de vários grupos guerrilheiros de esquerda).

Os filmes de Sganzerla – é preciso mencionar também *A mulher de todos* (1969) –, assim como os de Ozualdo Candeias – cuja outra película importante nessa época é *Meu nome é Tonho* (1969) – e os de José Mojica Marins eram realizados com recursos financeiros e parte da equipe técnica provenientes da Boca do Lixo paulistana – lugar no centro da cidade que, além de concentrar a cafetinagem e a prostituição de rua, também sediava empresas produtoras e distribuidoras de cinema. Nesse mesmo contexto, surgiram outros realizadores, tais como Carlos Reichenbach, Antônio Lima e João Callegaro, que dirigiram os episódios de *As libertinas* (1968). Callegaro também realizou em voo solo um longa-metragem hoje pouco conhecido, mas que alcançou sucesso de público e possui um diálogo riquíssimo com o cinema de gênero norte-americano: *O pornógrafo* (1970). Reichenbach, que deu sequência a uma das mais consistentes carreiras no Brasil de criador cinematográfico, realizou *Lilian M: relatório confidencial* (1974). Ainda em São Paulo, mas fora do esquema de produção da Boca do

Lixo, outras películas de experimentação radical foram *Hitler 3º mundo* (1968) e *Orgia, ou o homem que deu cria* (1970), feitas por nomes que se destacaram como escritores: José Agrippino de Paula e João Silvério Trevisan, respectivamente.

Apesar de radicado em São Paulo, Andrea Tonacci dirigiu seu primeiro longa-metragem, *Bang bang* (1971), em Belo Horizonte, onde se desenvolveu um importante núcleo do Cinema Marginal com filmes marcados por grande cinefilia e humor cáustico. É o caso de *Perdidos e malditos* (Geraldo Veloso, 1970), *Sagrada família* (Silvio Lanna, 1970) e *Bandalheira infernal* (José Sette de Barros, 1976).

Além de BH, Salvador também foi palco de alguns filmes marginais de expressão, tais como *Meteorango Kid, o herói intergaláctico* (André Luiz Oliveira, 1969) e *Caveira my friend* (Álvaro Guimarães, 1970). Em ambos, além da marca da contracultura, temos a constituição de uma imagem ácida da vida na província.



Marisa Urban e Raul Cortez em cena do filme *Desesperato*

Mas é no Rio de Janeiro que se localizou o outro polo do Cinema Marginal, além de São Paulo, com produção mais consistente em termos quantitativos. Também é no Rio que as relações de contiguidade com o Cinema Novo são mais evidentes, devido ao fato deste último movimento ter

se baseado na cidade. Um filme como *Desesperato* (Sérgio Bernardes Filho, 1968) tem clara influência de *Terra em transe* (Glauber Rocha, 1967), e alguns diretores, como Júlio Bressane ou Antônio Calmon, iniciaram suas carreiras profissionais ligados ao cinemanovismo. Cineasta cuja obra avulta neste momento é Bressane. Seus filmes *O anjo nasceu* e *Matou a família e foi ao cinema*, ambos de 1969, são marcos do cinema de vanguarda pelo aspecto disjuntivo de

suas narrativas e pelas imagens com grande potência expressiva. Em 1970, Bressane criou com Rogério Sganzerla – que se transferira para o Rio de Janeiro – a produtora Belair, que teve vida curta e cujos filmes ainda hoje, infelizmente, foram pouco assistidos, mas que se constituíram em momentos altos do “cinema de invenção” – para usar a expressão difundida pelo crítico Jairo Ferreira. Bressane dirigiu *Barão Olavo, o horrível, Cuidado madame* e *A família do barulho*; Sganzerla realizou *Carnaval na lama, Sem essa, Aranha* e *Copacabana mon amour* – todos feitos ao longo de 1970 e tendo no elenco a atriz e musa Helena Ignez.

Em 1968, também no Rio de Janeiro, foi rodado *Câncer*, filme de Glauber Rocha que seria finalizado em 1972. Apesar da aversão de Glauber pelo Cinema Marginal, não há como deixar de mencionar *Câncer*, obra que, sob certos aspectos, é única na carreira do diretor como, por exemplo, na utilização do humor cáustico ou no afastamento em relação a qualquer tipo de teleologia (política, religiosa ou filosófica). É de se assinalar que outros nomes ligados ao Cinema Novo tiveram experiências cujos resultados os aproximaram do Cinema Marginal, tais como Fernando Coni Campos, com *Viagem ao fim do mundo* (1967), e Walter Lima Jr., com *Na boca da noite* (1970).

Também no Rio de Janeiro, desenvolveram suas carreiras Elyseu Visconti (*Os monstros de Babaloo*, 1970), Neville d’Almeida (*Jardim de guerra*, 1968, e *Piranhas do asfalto*, 1970), Antônio Calmon (*O capitão Bandeira contra o doutor Moura Brasil*, 1971) e Luis Rosemberg Filho (*Jardim de espumas*, 1971, e *Crônica de um industrial*, 1976).

Na primeira metade dos anos 1970, o Cinema Marginal esvaziou-se enquanto movimento devido ao exílio de vários dos seus participantes e à grande dificuldade em repor os meios de produção – posto que muitos filmes não conseguiam lançamento comercial em razão da censura ou da reação de estranhamento por parte dos exibidores. Entretanto, as obras permanecem como um conjunto significativo de experiências estéticas e enquanto testemunhas da condição existencial de uma geração.

## DESESPERATO

1968, Sérgio Bernardes Filho, Rio de Janeiro,  
85 minutos, 35 mm, p&b



Um letreiro nos informa: estamos em 1968, provavelmente pouco antes do “golpe dentro do golpe”, o AI-5. Nesse mundo, vive o escritor Antônio, recluso em sua bela casa e em seu enlace matrimonial com uma mulher bem mais nova que ele, de nome Marisa. Antônio termina de escrever um livro diferente dos que costumava: o tema de seu novo trabalho é o patriotismo, e o grande herói da narrativa é Severino, líder popular que dá o sangue à pátria por ideais de liberdade. Apesar de ficar obcecado pela ideia de revolução de seu personagem, Antônio vive em meio ao tédio burguês dos altos círculos, para onde é levado pela esposa. O grande tema do filme, vai-se percebendo aos poucos, é a alienação do

intelectual da classe alta diante de um mundo em estado de ebulição (vemos cenas reais das passeatas de estudantes em 1968), do qual ele efetivamente não faz parte. Com lentos *travellings* para os lados e para frente, Sérgio Bernardes Filho filma o impasse do intelectual diante do mundo: no filme, o dilema do escritor entre o subjetivo e a militância

se passa através da vida com a esposa, pintada sempre como o relacionamento ideal, mas que não supre a urgência do momento. Em um luxuoso coquetel, quando mais nada parece relevante, Antônio assassina um figurão militar, em um ato mecânico e estilizado. Mas *Desesperato* é menos um olhar crítico sobre a falência da burguesia que um sintoma do isolamento do artista diante de uma sociedade mutante, que ele não compreende muito bem.



**Ruy Gardnier**

**Cia. produtora:** S.W. Bernardes Produções Cinematográficas

**Direção e produção:** Sérgio Bernardes Filho

**Roteiro:** Sérgio Bernardes Filho e Leopoldo Serran

**Fotografia:** Edson Santos

**Montagem:** Gilberto Bernardes Macêdo

**Cenografia:** Geraldo Andrada

**Elenco:** Marisa Urban, Ítalo Rossi, Norma Bengell, Raul Cortez, Ferreira Goulart, Fernando Campos, Nelson Xavier, Mário Lago

## RIO: PLANO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO DO MUNICÍPIO

1982, Sérgio Bernardes Filho, Rio de Janeiro, 41 minutos, 16 mm, cor

O título engana. *Rio: plano político-administrativo do município* soa como um institucional. É justamente o oposto. Ainda que o tal plano seja tema do média-metragem e apareça exposto pelo próprio autor, o arquiteto e urbanista Sérgio Bernardes (pai do diretor), o filme é puro cinema de invenção.

A chamada "Missão Rio" é ambiciosa. Trata-se de salvar do caos uma cidade que cresce de forma desordenada e voraz. O plano apresentado por Bernardes baseia-se na reconfiguração do município, agora dividido em "artérias"; estas, por sua vez, sustentariam os bairros, redimensionados em "comunidades", integrando toda a cidade. Isso inclui também as favelas, que deveriam se transformar "em agências de mercado de mão de obra, com ensino profissionalizante". Bernardes afirma, peremptório: "Eu sei o que quero, sei fazer e sei dar orientação a esses políticos que são atores sem roteiro". Trata-se, portanto, da fala de um típico intelectual de esquerda da geração dos anos 1950-60. Mas como o filme o apresenta de fato?

As sequências em que Bernardes explica o plano político são razoavelmente longas, porém entrecortadas por imagens que surgem e desaparecem rapidamente, dando conta de aspectos os mais diversos da metrópole, como se por entre as falas do arquiteto vazasse o caos que ele procura conter com seu discurso. Essas imagens acabam inundando e ganhando por completo a narrativa, em um fluxo vertiginoso de contrastes e rimas inesperadas, atestando que o plano de Bernardes parece viável apenas quando exposto com o auxílio de um mapa ou quando a cidade é vista de um helicóptero, na "distância certa". Mas a realidade é bem diversa e não cabe no discurso de quem, como diz o sambista quase ao fim do filme, pretende construir a Torre de Babel. Sérgio Bernardes Filho fez mais do que documentar as contradições de seu pai: expôs com ironia e humor as enormes diferenças – e a indissolúvel ligação – entre duas gerações de intelectuais.

**Luís Alberto Rocha Melo**

**Cia. produtora:** Lic Laboratório de Investigações Conceituais  
**Produção:** Luis Otávio Pimentel, Karin, Aroldo Eiras, Celso Miranda  
**Direção, argumento e música:** Sérgio Bernardes Filho  
**Fotografia:** Armando Rosário, Fernando Duarte, Kleber Cruz, Tião Fonseca  
**Montagem:** Amaury Alves, Alexandre Alencar, Carlos Cox, Ercília Cardillo, Denise de Fontoura, Idê Lacrete, Juanita & Yoya

## VENHA, DOCE MORTE

1967, Sérgio Bernardes Filho, Rio de Janeiro, 9 minutos, 16 mm, p&b



*Venha, doce morte* marca a estreia de Sérgio Bernardes Filho como cineasta. Sua obra posterior será pequena, porém com personalidade própria, e a temática inusitada surge paralela à elaborada preocupação estética. Aqui ele aborda a tradicional Casa São Luis para Velhice (fundada em 1890), um asilo para idosos gerido por freiras católicas, tema inesperado em um jovem de 23 anos, iniciando a sua vida adulta. Surpreende também por não se preocupar com a exposição minuciosa do funcionamento da instituição nem com suas

qualidades e defeitos, mas, sim, em apresentar os internos como seres humanos aguardando a morte, esperando que esta ao menos seja doce, já que a vida foi amarga. Os depoimentos são curtos e, mais que isso, cortados pela edição assim que resumem o assunto da fala, que pode ser um glorioso passado familiar, uma vida interessante etc. Não há espaço para queixas nem para as circunstâncias que levaram tais pessoas a tal situação, que, se não chega a ser humilhante, é, na melhor das hipóteses, humilde. Paralelamente vemos as freiras, alegres, quase infantis, que cumprem suas funções como um destino. A rotina cotidiana, interrompida apenas pelas missas e orações, não oferece nenhum atrativo; todos acordam ainda de madrugada e vão dormir às sete da noite, como em um colégio interno, longe da modernidade. Estamos em 1967, mas poderia ser 1867, ou mesmo antes. Nas entrelinhas do seu aparente silêncio, sem panfletarismo ou obviedade, o diretor nos apresenta uma situação arcaica, insustentável. No entanto, a instituição ainda existe, e seria interessante saber se ela mudou e qual direção tomou.

**João Carlos Rodrigues**

**Cia. produtora:** S.W. Bernardes Produções Cinematográficas  
**Produção, direção e argumento:** Sérgio Bernardes Filho  
**Fotografia:** Fernando Duarte  
**Montagem:** Renato Neumann

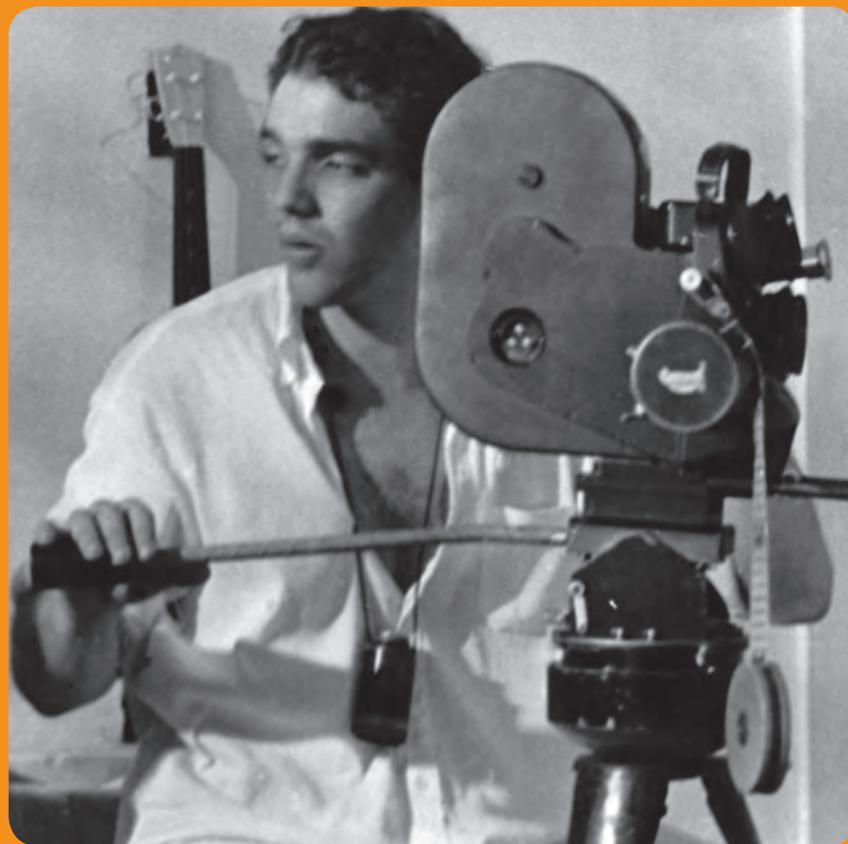
## SÉRGIO BERNARDES FILHO

Filho do célebre arquiteto de mesmo nome, Sérgio Bernardes Filho nasceu em 1944 no Rio de Janeiro. Em 1962, começou seus estudos de cinema no IDHEC (Institute des Hautes Études Cinématographiques), em Paris. Em seguida, ainda na Europa, estudou coreografia e teatro com Maurice Béjart e composição e trilha sonora com o músico Pierre Henry. Volta ao Brasil na segunda metade dos anos 1960 e realiza dois filmes; o documentário em curta-metragem *Venha, doce morte* (1967), sobre o asilo São Luiz (RJ), e o longa-metragem de ficção *Desesperato* (1968), que ganhou por unanimidade os prêmios de melhor filme, melhor ator (Raul Cortez) e melhor atriz (Marisa Urban) no Festival de Belo Horizonte de 1968. Posteriormente, *Desesperato* teve negado seu certificado de exibição pelo governo militar e tornou-se proibido para circulação.

De volta à França, realizou o documentário curto *Le masque* (1976), sobre terapia alternativa. Novamente no Brasil, filmou seu segundo longa de ficção, *Madrepérola* (1978), que ficou inacabado. A seguir, realizou *Rio: plano político-administrativo do município* (1982), documentário sobre o plano de seu pai para o município do Rio de Janeiro. A partir daí, passou a utilizar o vídeo como formato e empreendeu diversas viagens à Amazônia e a outras áreas não urbanas. Desenvolveu uma extensa produção em vídeo nos anos 1990, entre os quais os premiados *Panthera Onca* (1990), *Os guardiões da floresta* (1990) e *Casa da floresta* (1992). Na segunda metade da década, criou o projeto *Via Brasil*, com expedições por todo o Brasil e um documentário institucional finalizado em 2000.

Produziu em seguida as videoinstalações *Nósenãonós* (2003, CCBB/RJ), *Amazônia* (2006, Jardim Botânico/RJ) e *Mata Atlântica* (2007, Espaço Tom Jobim). Seu último grande projeto foi *Tamboro*, um documentário-síntese das questões sociais, econômicas e ambientais que afetam o povo e o território brasileiro. Bernardes morreu em 2007, deixando seu último filme editado. Dois anos depois, *Tamboro* estreou no Festival do Rio, onde ganhou os prêmios de montagem e de voto popular, além de um prêmio especial do júri.

Ruy Gardnier



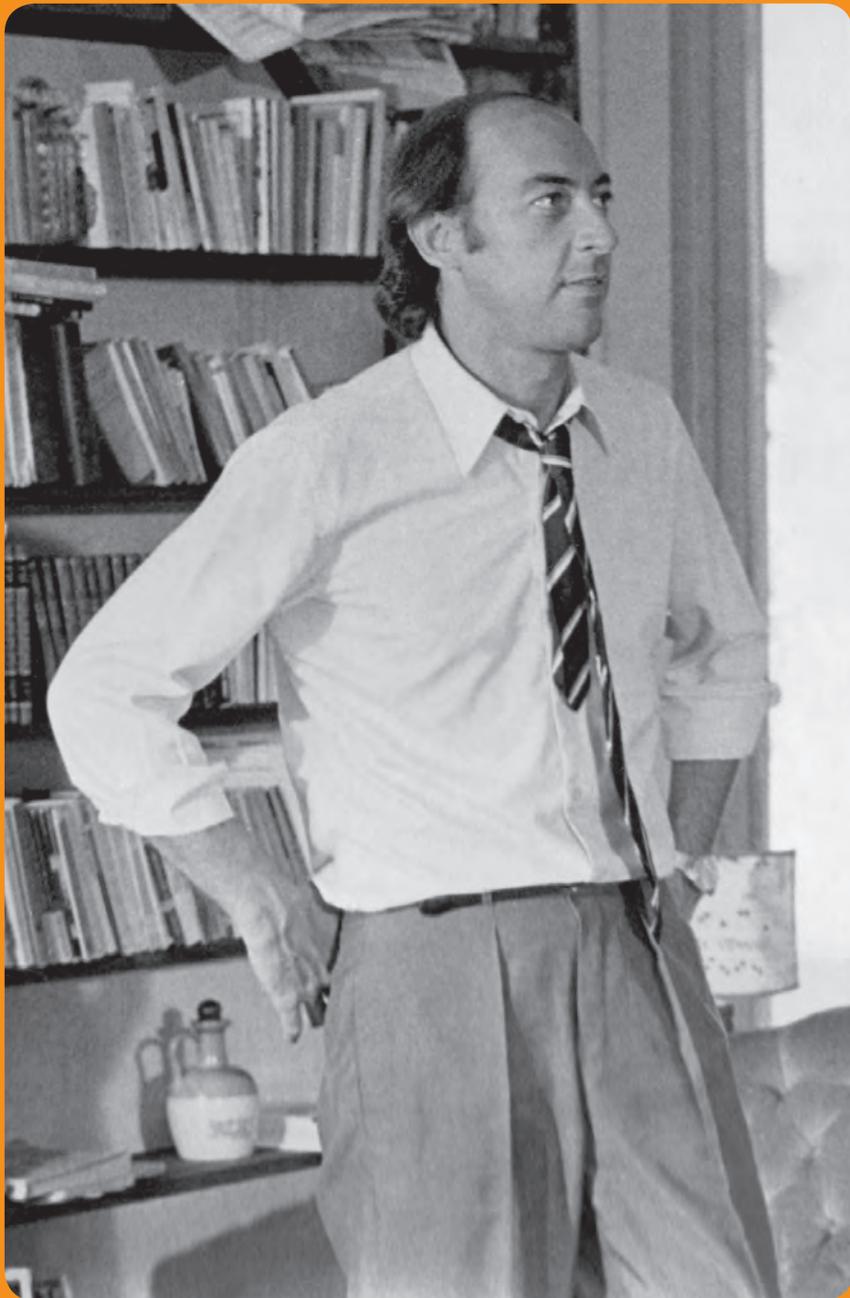
## FILMOGRAFIA

**CURTAS:** *Venha, doce morte* (1967); *Baudelaire* (1974).

**MÉDIAS:** *Le masque* (1976); *7/7/77* (1977); *Rio: plano político-administrativo do município* (1982); *Via Brasil* (2000).

**LONGAS:** *Desesperato* (1968); *Tamboro* (2009).

**VÍDEOS:** *Colares* (1987); *Cavalos selvagens* (1988); *Encontro dos povos da floresta* (1989); *Porangaçu* (1989); *Peixe-boi* (1990); *Os guardiões da floresta* (1990); *Panthera Onca* (1990); *Casa da floresta* (1992); *Project new man* (1993); *Juramidam* (1993); *Inpa 40 anos* (1995); *Talismã* (1995); *Um outro Brasil* (1996); *Nordeste* (1997); *Cauê Porã* (1998); *Unknow Amazon* (2001).



## FICHA TÉCNICA

**Idealização e produção executiva**  
Eugênio Puppó e Frederico Machado

**Curadoria e concepção editorial**  
Eugênio Puppó

**Produção**  
Matheus Sundfeld

**Assistência de produção**  
Roberta Buonacura  
Tharik Faia

**Direção de arte**  
Pedro di Pietro

**Edição de textos**  
Bruno Zeni

**Revisão de textos**  
Lila Zanetti

**Colaboração**  
Rosa Bernardes  
Joaquim Castro

**Coordenação e produção gráfica**  
GFK Comunicação

**Autoração do DVD**  
William Brito

**Direção da vinheta**  
Rodrigo Castellar (Magoo)

**Montagem da vinheta**  
Sylvio Renoldi

**Produção e edição dos DVDs**  
Heco Produções

**Distribuição**  
Lume Filmes

**Projeto Cultural**  
Heco Produções  
Lume Filmes  
Todos os direitos reservados, 2012

**Contato**  
heco@heco.com.br  
info@lumefilmes.com.br

**Agradecimentos**  
Alexandre Gwaz  
Carlos Magalhães  
Carlos Reichenbach (*In memoriam*)  
Centro Cultural Banco do Brasil  
Edson Sanches  
Fabio Villas Bôas  
Fátima Secches  
Fernando Ramos  
Flávia Miranda  
Gustavo Veiga  
Patrícia de Filippi  
Raimo Benedetti  
Ricardo Carioba  
Rosa Bernardes  
Santilha Sousa

Trabalhamos para o engrandecimento do cinema brasileiro

## Realização



[www.lumefilmes.com.br](http://www.lumefilmes.com.br)

Para quem acha que  
cinema não é só pipoca



[www.heco.com.br](http://www.heco.com.br)

[www.portalbrasileirodecinema.com.br](http://www.portalbrasileirodecinema.com.br)

## Apoio institucional



cinemateca  
brasileira

## Apoio cultural

GfK  
COMUNICAÇÃO